

GESTÃO DA SALA DE AULA, UM DESAFIO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Modesto Vilembo Jorge¹
Henriqueta Mutaleno Camenhe Pereira²

RESUMO: O presente artigo visa analisar o desafio da gestão da sala de aulas, no processo de ensino aprendizagem, visto que a profissão docente é um ofício que proporciona vários desafios para os professores. Comportamentos que os alunos apresentam desafiam de certa maneira a prática docente. Durante a minha experiência na docência já acompanhei situações de vários professores com dificuldades em gerir os conflitos na sala de aulas. Precisamos compreender que assim, o presente trabalho levanta o seguinte problema: até que ponto a gestão da sala de aula impacta no processo de ensino aprendizagem. O objetivo da gestão da sala de aula é possibilitar um ambiente propício para um melhor nível de aprendizagem por parte dos alunos, aplicando técnicas, controlando processos, analisando os resultados e aperfeiçoando os métodos de ensino. A correlação entre gestão e o sucesso estudantil deve dar aos professores motivação para examinar suas práticas desde o começo do ano escolar (Walters; Frei, 2009). Devemos entender que dentro da sala de aulas o professor é considerado como um responsável que gerencia o comportamento dos alunos e muitas vezes confundida como sendo sinônimo de disciplina. A razão da utilização de gestão e disciplina como sinônimos se dá devido ao fato de que o professor em primeiro lugar tem que estabelecer como a sala de aula irá funcionar, para depois esperar o bom comportamento dos alunos.

3752

Palavras-chave: Gestão. Sala de Aulas. Processo de ensino aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Abordar sobre a gestão da sala de aulas é um desafio no contexto actual, pois a sala de aula oferece várias oportunidades de aprendizado para o professor que o estimula a tomar atitudes exemplares para que haja um ambiente saudável.

O conceito de espaço aprendente não sugere um lugar à parte, mas em um ponto de encontro para aprender, dedicado a ideia de que todos envolvidos - individualmente ou em grupos - estarão continuamente, aperfeiçoando e expandindo sua consciência e suas capacidades. (Senge, 2005). Diante da realidade atual, considerando uma sociedade pautada em responsabilidade social e sustentabilidade humana, o professor tem o papel de desafiar, instigar e acompanhar. Para tanto o foco das estratégias pedagógicas deve voltar-se à discussão de novos

¹Instituto Superior Politécnico de Benguela.

²Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela.

caminhos, assim como estabelecerem a confiança na capacidade de mudança e de novas perspectivas.

Isto, para além do conteúdo ministrado e ênfase no currículo oculto. Nessa perspectiva, pensar sobre os modelos profissionais que precisamos formar para interagir com este “novo” ser humano e fomentar práticas que instiguem a permanência/ compromisso ético é uma premissa para a mobilização. Mas, a pergunta que surge é: “Como transformar o que temos de práticas, permitindo que os modelos tradicionais de ensino sejam superados e a concepção unilateral evolua para uma condição relacional e aprendente”? (BORGHETTI et al, 2011).

Ser professor no Ensino Superior abarca um complexo perfil de profissional. Articular os valores oriundos de sua formação como a ética e o respeito, com os princípios que nortearam suas práticas, auxilia na maneira de se relacionar com o processo de ensino-aprendizagem e o conjunto de habilidades profissionais fundamentais para o saber pedagógico (LIBANEO, 1994).

Supõe-se que, para tanto, é necessário destacar a importância do vínculo de confiança e ampliar a investigação sobre as necessidades dos estudantes no processo de aprendizagem em sala de aula, buscando expandir as relações recíprocas entre o professor e os estudantes. O diálogo estimula o raciocínio e a argumentação, permitindo ao professor explorar o porquê do raciocínio do aluno - “Como manter conversações produtivas e não defender nossas visões de forma tão enfática que os outros não podem ser ouvidos?” (SENGE, 2005 p.32) Acredita-se que é através da confiança no ambiente “gestacional” que os professores contribuem para criar, elaborar e/ou reformular possibilidades com o envolvimento do estudante. A ética no entorno das relações estabelecidas precisam ser pensadas e/ou repensadas, para que as análises sobre a realidade não estejam pautadas em interesses individualizados ou endossadas com uma conotação negativa e tradicional. Evoluir com propostas assertivas é um meio que responsabiliza a todos e não o professor. A consolidação de vínculos afetivos e efetivos entre docente-discente pode ser considerado o ponto inicial para tal construção. Luck (2006) relaciona alguns valores fundamentais como balizadores para a união de metas e objetivos formais do curso com os as metas e objetivos pessoais dos estudantes.

3753

O professor e a gestão da sala de aulas

Devemos entender que o papel do professor enquanto gestor de sala de aula é o elo propulsor para a significação do espaço acadêmico. O professor torna-se responsável por respeitar diferenças de tempo, aprendizado, entendimentos a fim de modular posturas e valores

éticos num processo de aprendizado contínuo e cauteloso. Para a autora supracitada, o comprometimento, a ética, a solidariedade e a equidade precisam permear a promoção de um espaço aprendente onde as decisões sejam cooperativas, conjuntas; respeitando a diversidade de posicionamentos e concepções. Podemos perceber a importância do conteúdo relacional subjetivo quando Luck relata que [...]

A confiança é o cimento fundamental que mantém uma organização unida, facilitando a boa comunicação, corrigindo ações ocorridas em momentos inoportunos, possibilitando o atendimento de objetivos e criando as condições para o sucesso organizacional (Luck, 2006, p. 40).

Tais vínculos de confiança deverão transpor a relação professor-estudante, proporcionando o trabalho cooperativo, em especial, entre professor – aluno e também do professor - professor, a fim de finalizar numa relação de confiança, de aprendizado e troca coletiva.

Ressaltamos que é importante que o professor respeite o aluno para que a relação seja afável capaz de proporcionar um aprendizado satisfatório. Na gestão da sala de aulas, o equilíbrio comportamento do professor para com os alunos é necessário.

Vivência significa “vida” e vida traz consigo uma conotação de “realidade”. Então, quando falamos da aula como “vivência queremos ressaltar a fundamentalidade de seu caráter de integração com a realidade”. A aula como espaço que permita, favoreça e estimule a presença, a discussão, o estudo, a pesquisa, o debate e o enfrentamento de tudo o que constitui o ser, a existência, as evoluções, as transformações, o dinamismo e a força do mundo, do homem, dos grupos humanos, da sociedade humana, existindo numa realidade contextualizada temporal e espacialmente, num processo histórico em movimento. Essa realidade diz respeito diretamente àqueles que se reúnem numa aula. (Masetto, 2003, p. 74-75).

Percebe-se que muitas vezes, a ação fica prejudicada não em função da teoria, mas das relações. Nossas práticas devem ser efetivos “laboratórios”, gerando situações de cooperação, confrontando saberes dos envolvidos. Saberes teóricos e saberes humanos, a fim de gerar um aprendizado que promova não somente o desenvolvimento cognitivo, mas também o social e o humano. Ao pensar na figura do professor e seu histórico de desenvolvimento humano, vislumbra-se que o processo de mudança configura-se em um grande desafio, já que seria mais confortável seguir um modelo de trabalho já instituído ao invés do novo. O caminho da

mudança, do aprendizado sempre carrega consigo a incerteza, o dúvida e implica “abrir mão” de algumas convicções, algumas ideias e /ou comportamentos ultrapassados.

O papel do professor aprendente é determinante para uma atitude de “olhar para frente”, “olhar para novas possibilidades”, gerindo todos os aspectos intra e interpessoal de mudança, os quais requerem sensibilidade. Aprender a ser confere a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino. Já aprender a conviver ou viver juntos é desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências.

O professor deve ser crítico com a visão de ajudar o aluno a desenvolver as suas habilidades cognitivas, daí que o professor tem um papel preponderante na gestão da sala de aulas.

No respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz. (Delors, 1996, p.101-102) Mudar a forma como pensamos, significa mudar constantemente nosso ponto de orientação. É imprescindível voltar algum tempo para olhar para dentro, reavaliar as verdades tácitas do que consideramos “óbvio”, nossos paradigmas, além de olhar para fora, explorando novas ideias e novas formas de pensar e agir.

3755

Os professores que nos marcaram para o resto de nossas vidas, além de serem competentes em suas áreas de conhecimento, foram aqueles que incentivaram a pesquisa; abriram nossas cabeças para outros campos, outras ciências, outras visões de mundo; nos ajudaram a aprender a ser críticos, criativos, exploradores da imaginação; manifestaram respeito aos alunos, interesse e preocupação por eles, disponibilidade em atendê-los, resolver-lhes as dúvidas, orientá-los em decisões profissionais; demonstraram honestidade intelectual (Masetto, 2003, p.76)

Para que tais transformações possam ocorrer é importante que docentes e discentes articulem tramas de aprendizagens e modos de planeamento preciso modelar uma aprendizagem centrada no aprendiz, em oposição a uma centrada na autoridade, dentro e fora de sala de aula (Senge, 2005). Socializar angústias, dúvidas e bons frutos são uma forma de investimento tácito nestas mudanças, que pode potencializar as rupturas do desinteresse e tornar dinâmico o desejo por construções significativas.

Gestão da sala de aulas e aprendizagem significativa

Para estrutura de uma aula significativa, os encontros precisam ser planejados de modo a promover uma superação da condição de passividade do estudante, e da postura do professor como centro do processo. Esta relação precisa deixar de ser vertical e passar a uma ação coletiva, ou seja, em que o docente possa construir conhecimentos, assim como o aprendiz e tornar-se um incentivador (Masseto, 2003).

Este autor também sugere o uso de técnicas que integrem o grupo, incentivando a participação e a cooperação voltadas aos objetivos de estudo, para além da base de conteúdos/conceitos. Com o grupo articulado, a busca por construções e apropriações tende a corresponder a expectativa tanto do docente, quanto do discente.

O uso de inúmeras técnicas colabora para esta nova perspectiva de ensino-aprendizagem como, [...] painel integrado, grupos de oposição e debates, seminários, projetos de pesquisa, grupos formulando e respondendo perguntas, dramatização, visitas a locais de atividades profissionais planejadas com roteiro de observação e relatórios para serem discutidos, estágios, atividades com profissionais, pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, estudo do meio, brainstorming etc. permitem o trabalho individual, a colaboração para trabalho em equipe, aprendizagem individual e em equipe (Masetto, 2003, p.79).

3756

Tais técnicas estimulam a motivação e o envolvimento dos estudantes. Entretanto, é preciso que o docente retroalimente o espaço com permanentes questionamentos destes métodos como contribuição do desenvolvimento das habilidades estimadas. O discente precisa significar os conceitos de forma a contextualizá-los e apreciar emocionalmente tais ideias. Para Masetto (2003, p.80-81) a maneira de o docente acompanhar tais crescimentos e desenvolvimentos é através do “domínio de várias técnicas avaliativas, pois, como os objetivos serão de três áreas (conhecimentos, habilidades e atitudes), não é possível que uma única técnica consiga avaliá-los”.

Já para Santos (2008) todas as construções de conhecimentos perpassam a maneira pela qual o professor contextualiza os conceitos/conteúdos, apontando a motivação para tais assuntos e como eles, podem ser aplicados no cotidiano de trabalho. Esta problematização leva o aluno para o desejo/necessidade de definir/ esclarecer o conceito ao ponto de entendê-lo e desafiar-se ao relacionamento com outros conceitos, argumentando e discutindo numa cadeira de raciocínio articulado. Por fim, este autor ainda propõe a sensibilização e conscientização de

tal conceito tem final quando o aprendiz passa a transformá-lo, interferindo na realidade de forma significativa. Os ambientes profissionais de imersão e experiências palpáveis representam os novos espaços para aulas motivadoras. Muito mais instigantes para o exercício da docência, representam situações mais complexas e que levam o estudante a não esperar pelo conhecimento transmitido e sim, possibilitam oportunidades de auto- aprendizagem, assim como os espaços virtuais (Masetto, 2003).

A construção de um plano de ação para sala de aula deve passar por um bom diagnóstico do contexto dos alunos, suas preferências e expectativas. Chegar com um plano pronto não respeita as especificidades próprias de cada grupo e, distancia a prática docente da discente. Além disto, é preciso cuidado perene para não saturar a turma, saindo de uma perspectiva tradicional e centrada para uma extremamente liberal, e sem a clareza dos objetivos a serem desenvolvidos, também fazem parte do arsenal reflexivo do docente.

Para Schon (2000), não existe um manual de docência que resulte em soluções práticas e, igualmente, um problema originado de uma única causa. O que existe são situações variadas e difusas que são constantemente surpreendidas pelo inesperado e pela urgência em responder a situações emergentes. Portanto, é preciso agir reflexivamente de forma a tomar decisões diante do contexto de forma a valorizar a criticidade diante da prática. A reflexão sobre a prática é um momento fundamental, “pois é pensando criticamente a prática de hoje ou a de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 1998, p.44)

3757

Por fim, a escolha de um ambiente adequado e técnicas que centrem os estudantes para a disciplina de aprendizagem elevam a perspectiva de valoração e alcance de metas instituídas. Na ótica deste trabalho, não existem fórmulas prontas e a criatividade permeia toda e qualquer ação que possa dar certo. O que precisa estar aliado à prática docente é a disposição para reavaliar e recriar métodos e técnicas. Como Senge (2005) bem descreve, autoconhecimento e persistência são itens de caráter formativo e que contribuem para a aliança em prol da construção de conhecimento. Superar modelos implícitos na formação da grande maioria dos professores atuais é uma premissa para tais ações criativas.

Por essas razões a aula, no ambiente universitário deve buscar a produção de subjetividades, ou seja, almejar e validar maneiras hábeis de desenvolver o educando a partir do que ele vier a construir. Valorizar suas metas e seus objetivos, ora conduzindo-o através de técnicas, ora ampliando o campo da criatividade e da invenção. Pautar as ideias no compromisso

ético e sustentável, valorar criações e galgar novas maneiras de construir conceitos-conteúdos respeitam as necessidades de nossa sociedade.

E o que é uma boa aula? Cada sujeito irá responder à sua maneira. Pensar no modo como se produz um bom professor ou uma boa estrutura de aula é um desafio perene. Por mais bem elaborada que possa estar uma aula, nem sempre ela se estabelece. Ela se dá quase como uma dança – comungar de ideias. Entra em sintonia e no ritmo do “entre nós”. É preciso valorizar e abrir espaços para a criatividade. É não pensar igual – mas articular o pensamento.

O professor como líder e gestor

Pensar e agir como gestor é uma prática que leva o professor a criar um ambiente com interações, reflexões e participações ativas dos alunos. O professor como ator principal na gestão de sala de aula deve atuar de forma que alcance o objetivo principal da escola, que é a transmissão dos conhecimentos historicamente construídos às novas gerações. Por isso, entender como os professores gerenciam as situações em busca da concretização do seu dever é imprescindível para melhorar a qualidade do ensino (Silva; Muzardo; Andrade, 2015).

Para Hattie (2017), professores talentosos são aqueles que focam no compromisso cognitivo dos alunos com o conteúdo que está sendo ministrado, fornecendo feedback de uma maneira adequada e oportuna para ajudar os alunos a alcançar os objetivos. Por isso a importância da gestão da sala de aula. Em uma sala de aula bem gerida pelo professor a maior parte do tempo e da energia é utilizada no ensino e na aprendizagem.

De acordo com Martin e Baldwin (1993) os professores são formados com o foco na preparação da aula e a gestão de sala de aula não é considerada como uma preocupação fundamental. Talvez os educadores devam agora começar a reconhecer que, tanto o ensino eficaz, quanto o gerenciamento eficaz da sala de aula, são componentes vitais e interligados do processo de aprendizagem. Para Nóvoa (2007) a formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, gerando um déficit de práticas, por isso defende a necessidade de uma formação centrada nas práticas e na análise dessas práticas.

O professor deve estar preparado para atender as diferentes necessidades dos alunos dispondo de múltiplas ações (Walters; Frei, 2009). Reforçando a necessidade de conhecimentos práticos, Silva e Muzardo (2017) que afirmam: É preciso, algum tipo de conhecimento que não tem origem na área de especialização do professor e também não se encontra na didática de sua

disciplina. Trata-se de um conhecimento que, em geral, os professores retiram do seu fazer diário, obtido pelo método tentativa/erro/acerto. O grande problema é que esse conhecimento fica no nível do senso comum, de conselhos passados informalmente entre os professores (Silva; Muzardo, 2017, p. 271).

Corroborando com o acima exposto, Tardif e Raymond (2000, p. 213) afirmam que “[...] para os professores de profissão, a experiência de trabalho parece ser a fonte privilegiada de seu saber-ensinar”. Atribuem uma importância aos fatores cognitivos, tais como, a personalidade, talentos diversos, entusiasmo, o amor às crianças, etc. Outros fatores que contribuem para a formação do professor são “[...] conhecimentos sociais partilhados, conhecimentos esses que possuem em comum os alunos enquanto membros de um mesmo mundo social, pelo menos no âmbito da sala de aula” (Tardif; Raymond, 2000, p. 213).

Assim sendo, o professor deve saber que aprende todos dias no processo de interação na sala de aulas. Isso é importante. O professor deve manter uma postura exemplar na gestão da sala de aulas.

BIBLIOGRAFIAS

BORGHETTI, A.F; BOROWSKI, S.B.; PEIXOTO, A.O; FERREIRA, M.I.; NUNES, K S. 3759
Implicações da gestão num espaço aprendente. In Ressignificando conteúdos, conceitos e práticas. V.II. Uberaba: CNEC Edigraf, 2012.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo, SP: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HATTIE, J. **Aprendizagem visível para professores: como maximizar o impacto da aprendizagem.** Porto Alegre: Penso, 2017.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática.** São Paulo: Ed. Alternativa, 2004.

LOPES, A. O. **Repensando a didática.** Campinas, SP: Papyrus, 1991.

LUCK, H. **A gestão participativa na escola.** São Paulo, SP: Vozes, 2006.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 11 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MASETTO, Marcos T. **Docência universitária: repensando a aula**. In: TEODORO, António e VASCONCELOS, Maria Lúcia (orgs). Ensinar e aprender no ensino superior: Por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTIN, N; BALDWIN, B. **An Examination of the Construct Validity of the Inventory of Classroom Management Style**, In: Annual Conference of the Mid-South Educational Research association, Anais... New Orleans, LA., November, 1993. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED359240.pdf> Acesso em: Out. 2019

NÓVOA, A. **Os desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: SINPRO-SP, 2007. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf Acesso em: Out. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa ; MENESES, Maria de Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina S.A., 2008.

SENGE, P. **A Escola Aprendente**, Porto Alegre : Artmed, 2005.

SCHON, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, F.L.; MUZARDO, F.; **Gestão da Sala de Aula: contribuições para a construção de um conceito**. *Trilhas Pedagógicas*, v. 7, n. 7, Ago. 2017, p. 263-278. Disponível em: <http://www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/trilhas/volume7/17.pdf> . Acesso em: Out. 2019.

SILVA, F.L.; MUZARDO, F.; ANDRADE, S.G.S. **Práticas de Gestão de Sala de Aula: Observações Preliminares em Escolas Públicas**. In: XII EDUCERE - Congresso Nacional de Educação, 2015, Curitiba/PR. Anais... Curitiba, 2015. XII EDUCERE – Congresso Nacional de Educação. Curitiba: PUC PR, 2015. v.1. 16010-16023. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16716_7541.pdf Acesso em: Out. 2019.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho do magistério**. *Educação & Sociedade*, v. XXI, n. 73, Dez., 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf> Acesso em: Out. 2019.

WALTERS, J.; FREI, S. **Gestão do comportamento e da disciplina em sala de aula**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009.